



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO MULTIMÍDIA

NAZARÉ EDITH SANTANA COSTA

CABANAGEM, A LUTA DE MULHERES POR LIBERDADE

Belém
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO MULTIMÍDIA

NAZARÉ EDITH SANTANA COSTA

CABANAGEM, A LUTA DE MULHERES POR LIBERDADE

Memorial descritivo apresentado para
obtenção de créditos referente ao Trabalho
de Conclusão de Curso Superior Técnico em
Produção Multimídia, Faculdade de Artes
Visuais, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Robson Arthur Sarmento
Macedo

Coorientadora: Carolina Barros de Paula

Belém
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

C837c Costa, Nazaré Edith Santana
 Cabanagem, a luta de mulheres por liberdade / Nazaré Edith
 Santana Costa. 2025.
 43 f.

 Orientador: Prof. Robson Arthur Sarmiento Macedo
 Coorientadora: Prof^a Carolina Barros de Paula

 Trabalho de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará,
 Faculdade de Artes Visuais, Curso de Tecnologia em Produção
 Multimídia, Belém, 2025.

 1. Brasil – História – Cabanagem, 1835 - 1840. 2. Mulheres -
 Amazônia. 3. Documentário (Cinema) – Produção e direção. 4.
 Recursos audiovisuais. I. Título.

CDD - 23. ed. 778.53

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO MULTIMÍDIA

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos sete (07) dias do mês de abril do ano de 2025, às dezoito (18) horas e zero (00) minutos, reuniu-se a Banca examinadora, composta pelos professores Robson Arthur Sarmiento Macedo, orientador e presidente, Ana Paula Andrade e Isis Molinare, membros, para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna Nazaré Edith Santana Costa intitulado "Cabanagem, a Luta de Mulheres por Liberdade". Após a apreciação do trabalho e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado: O trabalho foi APROVADO com conceito EXCELENTE. Com as seguintes observações É PRECISO SEGUIR AS ORIENTAÇÕES DA BANCA PARA APLICAÇÕES

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 07 de Abril de 2025.

Presidente (Orientador/a)

Membro

Membro

À minha criança sonhadora, que cresceu e se permitiu lutar como uma cabana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora de Nazaré, que me permitiram viver este momento. A Espiritualidade que nunca me desamparou e cuidou do meu Orí durante todos estes anos de graduação.

Aos meus pais Antonio e Conceição, que estiveram presentes em todos os momentos vividos até aqui e que não mediram esforços para que eu alcançasse meus objetivos. A minha família, em especial a minha avó Antonia (*in memoriam*) que me mostrou que nenhum caminho seria impossível para mim.

A Silvia Regina dos Santos, comumente conhecida como Dona Silvia, que acreditou no meu potencial e celebrou comigo o meu ingresso na Universidade.

Aos meus orientadores Robson Macedo e Carolina de Paula, que me guiaram na escrita destes capítulos. As professoras Sâmia Batista e Isis Molinari, que estiveram comigo na fase inicial deste projeto.

Aos meus amigos, que me apoiaram durante estes anos de graduação. Em especial a Ana Beatriz, Emerson Ruan, Melissa Cordeiro e Marcos Cauã, que estavam presentes no meu dia a dia, desenvolvendo projetos, eventos, rindo, celebrando e chorando. Vocês foram meu alicerce fora de casa.

A mim, menina curiosa, que sempre amou gravar, que sempre foi encantada por histórias antigas e quis entender como tudo funcionava. Meus desejos de criança me trouxeram até aqui. E que felicidade é poder proporcionar isso a nós.

VOO ENTRE ARMAS II

[...] E Guymiaba após duzentos anos renasce e luta ao lado dos cabanos fundido ao lema vencer ou vencer! A luta é desigual: artilharias contra espingardas, ódio e tirania contra o ideal e a fome de justiça! A história desta vez não se repete: Belém, cansada, nesse dia sete, adormece nos braços do seu povo.

(Siqueira, 2004).

RESUMO

O documentário “Cabanagem, a luta de mulheres por liberdade” foi criado para apresentar a similaridade da história de mulheres moradoras do bairro da Cabanagem com o movimento Cabano, apresentando como narrativa o apagamento da história da participação das mulheres no movimento e o esquecimento da história das mulheres cabanas da atualidade. O objetivo do projeto é relatar através desse produto audiovisual as histórias de Conceição e Isabel, fazendo alusão a diversas histórias que ainda hoje se repetem com mulheres das periferias. O documentário visa reafirmar a importância feminina para as comunidades periféricas, buscando o reconhecimento e a valorização das mulheres da periferia e mostrando sua significância para a sociedade e promovendo o debate a partir da escuta de um povo que vem sendo marginalizado e silenciado ao longo da história.

Palavras-Chave: Cabanagem; Amazônia; Mulheres; Belém; Documentário.

ABSTRACT

The documentary “Cabanagem, a Luta de Mulheres por Liberdade” was created to present the similarity of the story of women living in the Cabanagem neighborhood with the Cabano movement, presenting as a narrative the erasure of the history of women's participation in the movement and the forgetting of the history of cabana women in the present day. The project aims to report through this audiovisual product the stories of Conceição and Isabel, alluding to various stories still repeated today by women from the outskirts. The documentary aims to reaffirm the feminine importance for peripheral communities, seeking recognition and appreciation for women from the periphery and showing their significance to society, promoting debate based on listening to a people that has been marginalized and silenced throughout history.

Keywords: Cabanagem; Amazônia; women; Belém; Documentary

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 . Mapa do bairro da Cabanagem.	19
Figura 2. Criança olhando casa incendiada na invasão do sabão - Cabanagem.	20
Figura 3. Pessoas reunidas em torno de um carro de polícia.	21
Figura 4. Gravação jornalística em rua no bairro da Cabanagem.	21
Figura 6 - Formatura em Pedagogia Conceição Santana	32
Figura 7 - Crianças montando palavras em sala de aula	33
Figura 8 - Professora Conceição e seus alunos em um evento na escola	33
Figura 9 - Conceição em sala de aula com seus alunos da Educação de jovens e adultos (EJA).....	34
Figura 10 - Entrevista com a professora Conceição	35
Figura 11 - Entrevista com Maria Isabel	37
Figura 12 - Entrevista com Leonardo Torii.....	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O QUE É UM DOCUMENTÁRIO?	13
2.1 Representação social de um documentário.....	14
2.2 Narrativa da obra “Cabanagem, a luta de mulheres por liberdade”	14
3. A CABANAGEM.....	18
3.1. O bairro da Cabanagem	18
3.2. O movimento cabano	22
3.3. A participação das mulheres na Cabanagem.....	24
4. METODOLOGIA.....	25
5. DESENVOLVIMENTO DO DOCUMENTÁRIO	28
6. PROCESSO DE CRIAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO.....	28
6.1. O corpo marginalizado	29
6.2. Entrevista com os sujeitos	30
6.2.1. Conceição Santana	30
6.2.2. Maria Isabel.....	35
6.2.3. Leonardo Torii	37
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
APÊNDICE A - ROTEIRO: TÍTULOS DE CHAMADAS.....	40
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

O bairro da Cabanagem é um bairro periférico, que surgiu em meados de 1988. O nome do bairro remete a duas situações: grande parte de seus fundadores foram moradores de cabanas nas beiras dos rios da região e o seu nome também é uma homenagem à revolução popular da Cabanagem (1835-1840). A Revolta da Cabanagem foi deflagrada no período regencial, onde segundo RICCI (2006, p.6) “deixou mais de 30 mil mortos e uma população local que só voltou a crescer significativamente em 1860.”

Mas o que a Cabanagem da atualidade têm em comum com o movimento que ocorreu no século XIX? A hipótese aqui defendida é que homens e mulheres buscavam por uma melhor qualidade de vida, enfrentando uma longa batalha contra o sistema e acreditando em um futuro melhor para si e para os seus.

Anos se passaram e as lutas no bairro homônimo persistem. Seja por saneamento, segurança, cultura e principalmente por uma educação de qualidade. Dito isso, venho através deste memorial, apresentar a similaridade das narrativas da cabanagem da atualidade, comparado a revolução cabana (1835 - 1840).

Em contrapartida trago a reflexão da importância da participação das mulheres na revolução cabana. Em sua maioria, mulheres negras e indígenas que estavam cuidando de suas famílias enquanto seus companheiros estavam nas batalhas e mulheres que estavam na frente das guerrilhas em diversos momentos do movimento da Cabanagem. Mulheres esquecidas pela história e pela sociedade.

Este memorial vem descrever a pesquisa realizada para o desenvolvimento do documentário “Cabanagem - a luta de mulheres por liberdade”. A motivação para essa pesquisa partiu do desejo de apresentar a minha periferia de maneira abrangente, e me fez voltar ao passado e recapitular uma história que jamais deverá ser esquecida pelo povo paraense: a Revolução da Cabanagem, ocorrida por volta dos anos 1835-1840, além de fazer uma análise sobre a importância das mulheres nas batalhas. Chegando nos dias atuais, me deparo com a necessidade de reconhecer mulheres desse bairro, que seguem tomando a frente das batalhas da vida e lutando por uma condição digna para viver.

Como na guerrilha, onde as populações menosprezadas lutaram por uma vida mais justa e pelo direito de liberdade (Souza, 2022, p. 39), a população cabana dos tempos atuais segue nessa luta, exigindo uma melhor qualidade de vida, saúde,

saneamento, educação e segurança. E assim como na guerra dos cabanos, as mulheres do bairro tem uma importância significativa na luta por uma vida digna. São mulheres que passam despercebidas no dia a dia, e mesmo que nem elas tenham ciência de sua posição, são de suma importância para a comunidade em que vivem.

O objetivo geral do projeto se concentrou em realizar uma produção audiovisual de gênero documental que tem o intuito de relatar a história de 2 mulheres, moradoras do bairro da cabanagem. Essas mulheres, com idades entre 50 e 60 anos, seguem lutando por seu direito de liberdade, fazendo um paralelo com as mulheres do movimento cabano, que nomeia o bairro. A partir dessa produção pretende-se:

Reafirmar a importância feminina para as comunidades periféricas, trazendo o reconhecimento e a valorização das mulheres da periferia e mostrando sua importância para a sociedade; Promover o debate a partir da escuta de um povo que vem marginalizado e silenciado ao longo da história; Apresentar a importância das mulheres no movimento Cabano, fazendo alusão às mulheres cabanas dos dias atuais.

O documentário contará a história de Conceição Santana, professora da educação básica de ensino, que por muitos anos atuou em escolas municipais nas cidades de Belém e Ananindeua e de Maria Isabel dos Santos, moradora do bairro da Cabanagem que conheceu a professora em uma escola no bairro¹ Atrelado a essas histórias, o documentário apresenta falas de Leonardo Torii, diretor do Arquivo Público do Estado do Pará, que retrata o movimento da Cabanagem ocorrido entre os anos de 1835 a 1840 e as poucas informações a respeito da participação das mulheres no movimento mencionado acima.

2. O QUE É UM DOCUMENTÁRIO?

Antes de discorrer sobre o processo de desenvolvimento do produto audiovisual, irei contextualizar algumas bases teóricas que formam o escopo teórico deste trabalho, a iniciar pela definição de documentário.

¹ Bairro da Cabanagem

Segundo Lucena (2012, p.13) a palavra documentário foi usada pela primeira vez em 8 de fevereiro de 1926, em uma crítica aos filmes Nanook e Moana, de Robert Flaherty. Inspirada na palavra francesa “documentaire”, que denominava os filmes de viagem, John Grierson, produtor e documentarista inglês, utilizou a palavra “documentary” em sua crítica publicada no New York Sun onde afirmava que “Moana, por ser uma exposição visual de eventos do cotidiano, tinha valor como documentário.”

Sendo um gênero cinematográfico, o documentário busca através do audiovisual, registrar fatos e situações que tenham como suporte a realidade onde os protagonistas são os próprios sujeitos da ação, procurando informar o espectador, sem ter a obrigação de gerar entretenimento.

Para definir o que é o documentário, seguiremos a designação de Grierson, que o apresentou como “o tratamento criativo da atualidade” (Grierson, 1971, p.13). Segundo o autor, cabe ao documentário desenvolver o tratamento criativo da realidade incluindo, se necessário, a reconstrução de acontecimentos. Segundo Lucena (2012, p.15) na contemporaneidade o tratamento criativo da realidade citado acima, vem sendo condição de produção entre os cineastas que vem da área de ficção e que adotam uma linguagem documental subjetiva, onde ocorre a interferência de opiniões e perspectivas dos acontecimentos no processo descritivo de seus filmes.

Ainda segundo o autor “O discurso do documentário envolve diferentes formulações, que podem ou não ser dirigidas diretamente ao público” Lucena (2012, p.19), o que gera a possibilidade de trabalharmos com diversas opções discursivas neste produto audiovisual, dividindo-o em duas categorias: discurso direto, onde uma voz fala diretamente para a câmera e o discurso indireto, onde não ocorre o contato visual com a câmera.

2.1 Representação social de um documentário

Nichols afirma que todo tipo de filme tende a ser um documentário e que até as ficções mais “extravagantes” tendem a evidenciar a cultura e a reproduzir a aparência das pessoas a qual estão inseridas nesse ambiente. O autor conclui o trecho dizendo que existem dois tipos de filme, o que ele chama de “documentários de satisfação de desejos” e “documentários de representação social”. (Nichols, 2001, p.25).

Nesse sentido, os documentários de satisfação de desejos são os que conhecemos como filmes de ficção, o que o autor designa como “[...] expressam de forma tangível nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores” (Bill Nichols, 2001, pág. 25). O que nos dá a sensação de poder aceitar aquele ponto de vista, podendo assim, adotar como realidade ou apenas rejeitá-lo.

Em paralelo aos documentários de satisfação de desejos, os filmes documentais de representação social nada mais são do que filmes de não ficção, onde tem por obrigação apresentar a realidade, seja de uma cultura, um povo ou até mesmo de um ambiente na qual estamos inseridos. (Bill Nichols, 2001, pág. 25)

2.2 Narrativa da obra “Cabanagem, a luta de mulheres por liberdade”

Para apresentar as narrativas descritas na obra “Cabanagem, a luta de mulheres por liberdade” utilizou-se como produto audiovisual, o documentário de representação social. Como mencionado no tópico 2.1, ele retrata a realidade do mundo em que vivemos, o que Bill Nichols retrata como:

[...] Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os Documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. [...] (Nichols, 2001, p. 25).

Para iniciar a preparação do documentário “Cabanagem, a luta de mulheres por liberdade” foi utilizado como instrumento de pesquisa o livro “Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção” de Luiz Carlos Lucena (2012). Publicado em fevereiro de 2012, o livro apresenta o passo a passo do processo de produção de um documentário, iniciando na construção de ideias, seguindo pela produção de roteiro, as filmagens, concluindo na edição. O autor menciona que o livro² segue sendo a reprodução do que ele ensina em sala de aula e afirma que trabalhar com o audiovisual é uma forma de terapia, uma maneira de nos relacionarmos bem com o mundo e entender a nossa relação com o mesmo. Além de

² LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. Summus Editorial, 2012

apresentar o que é uma obra de ficção, o autor mergulha na obra documental afirmando que:

Construir uma obra de ficção é algo que exige que recuperemos nosso conhecimento a respeito do mundo, que exacerba nossa criatividade, que requer a escrita e o registro de algo que queremos expressar e compartilhar. Fazer documentários envolve tudo isso, mas também nos leva a criar considerações sobre alguma coisa que nos é muito próxima – ou que queremos descobrir –, obriga-nos de certa maneira a elaborar um discurso sobre determinado objeto, alguma pessoa, uma comunidade, o mundo. (Lucena, 2012, pág.11).

Após compreender o conceito do que é um documentário a partir de visão de Lucena (2012, pág.11), segui para a construção do produto audiovisual. Para iniciar o documentário, precisei entender sobre o que seria apresentado, o que o autor apresenta como o modo de “trabalhar ideias”. Em seu livro Lucena afirma que:

As ideias nascem, portanto, de observações do nosso entorno, do acompanhamento de noticiários de TV, da leitura de jornais, que mostram pequenas histórias e personagens que podem ser trabalhados em vídeo. Essas ideias surgem como pensamentos casuais, que normalmente estão relacionados com nossa vontade de documentar alguma situação ou personagem. Na verdade, os melhores documentários são aqueles que nós queremos fazer. (Lucena, 2012, p.27).

O que a comunidade tem a nos apresentar? Como as pessoas dessa localidade convivem? Qual o seu lazer? O que os jornais falam sobre aquela região? Qual a cultura daquela região? Tudo isso foi analisado durante a pesquisa realizada no bairro da Cabanagem. Por ser um bairro extenso, precisei definir a média de localidades na qual iria realizar o levantamento das pesquisas. A comunidade trabalhada foi a lateral sentido Cabanagem - Independência, nas áreas da invasão do sabão, rua do fio e feira da Cabanagem.

Durante a análise notei que para de fato entender a realidade do bairro, precisaria ingressar na vida dos moradores, para entender suas dores e alegrias, de onde vem a diversão e o que geralmente os jovens do bairro fazem, tendo assim, noção de realidade sobre o bairro da Cabanagem.

A segunda fase da criação do documentário se deu em desenvolver a sinopse e os argumentos. Neste momento as ideias foram organizadas e delimitadas,

apresentando assim o tema seguido do resumo do que seria o documentário. Lucena menciona que a sinopse e os argumentos

[..] Trata-se de um resumo apresentando a proposta e o tema do documentário. Cada frase deve evocar uma ideia, com a sentença seguinte completando a anterior, para que juntas possam sugerir uma “história” e as imagens a serem filmadas[...] (Lucena, 2012, p.29).

Após o desenvolvimento da sinopse e do argumento, iniciou-se a preparação do roteiro, onde segundo Lucena (2012), pode ser um argumento amplo, onde tudo pode mudar com o desenvolvimento do tema e com os segmentos das filmagens. O argumento do documentário na maioria das vezes segue sendo aberto, já que estamos tratando de personagens e fatos reais. Para criar o roteiro do documentário, utilizei como base “Títulos de Chamadas” encontrado na Apêndice A deste memorial, onde em cada título os entrevistados ficavam livres para contar suas experiências.

[...] No começo do roteiro você deve expor o tema, fazendo que uma expectativa seja criada. Definir um bom começo, com uma cena que indique muito bem o tema a ser tratado, é um ótimo caminho para evitar o artifício comum e simplista de usar clipes com uma série de cenas relacionadas para introduzir o assunto. [...] (Lucena, 2012, p.31)

Lucena afirma que nos últimos 28 anos, o crescimento na produção de obras documentais tem trazido diversos profissionais de incontáveis áreas, além de cineastas que antes se dedicavam à produção de obras de ficção, pois o baixo custo de equipamentos e a facilidade na operação das câmeras digitais viabilizaram esse tipo de produção, assim como a aproximação das empresas do terceiro setor, ativistas sociais, Pontos de Cultura e oficinas criadas em comunidades mais carentes das grandes cidades. O autor segue afirmando que:

Para essas produções, têm sido ferramentas narrativas fundamentais a entrevista com o protagonista e com personagens que possam falar sobre ele (ou sobre o fato que motivou o documentário) e os depoimentos. A fórmula mágica: selecione um personagem ou um tema, deixe que ele fale ou que alguém fale sobre ele e complemente esses depoimentos e/ou entrevistas com imagens, de preferência relativas ao assunto, e pronto, tem-se um documentário;” (Lucena, 2012, pág. 49)

Com o avanço da tecnologia, atualmente podemos contar com câmeras digitais que facilmente são manuseadas, o que nos trouxe diversas vantagens em relação às câmeras que eram utilizadas no passado, mas Lucena avisa que também nos leva a utilização inadequada dos equipamentos. Nas filmagens do documentário, foram utilizados aparelhos celulares das marcas *Samsung* e *Motorola*. Para obtermos imagens com uma boa qualidade precisamos estar atentos ao zoom, à estabilidade da imagem, aos enquadramentos e ao som das entrevistas e da locação.

A última fase da produção de um documentário é a edição. Lucena diz, como citado acima, que o avanço da tecnologia transformou a forma que os filmes são criados e editados, já que existem diversas ferramentas e softwares de edição disponíveis e de fácil utilização. Na edição deste documentário foi utilizado o software Adobe Premiere.

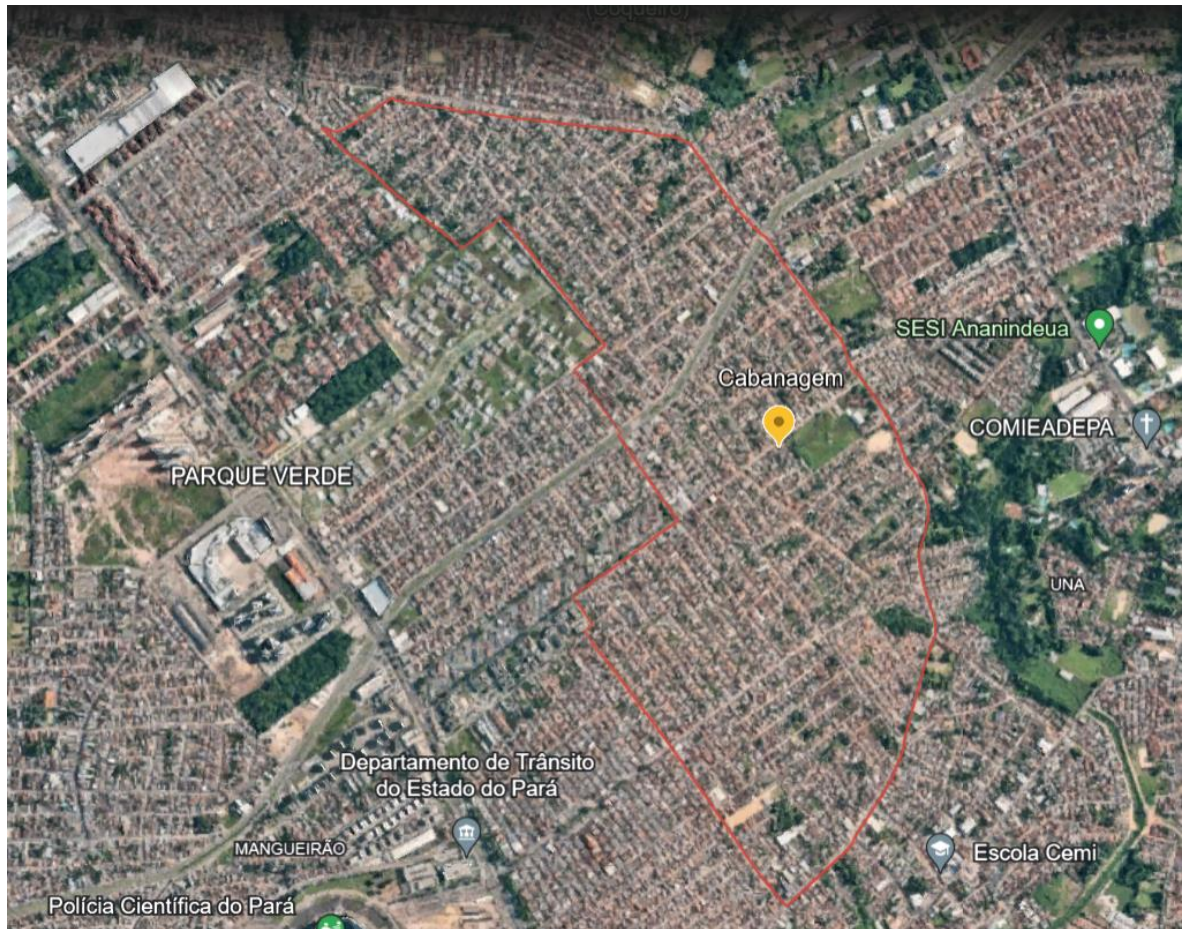
3. A CABANAGEM

3.1. O bairro da Cabanagem

O bairro da Cabanagem, que ainda segue em desenvolvimento de forma horizontalizada, como mostra a figura 1, surgiu em meados de 1988. Foram encontrados poucos registros históricos do início do bairro, fazendo com que a história de sua fundação em maioria, seja contada por moradores antigos. O bairro da Cabanagem segue sendo um dos bairros da capital paraense comandado pelo narcotráfico.

Cabanagem - Compreende a área limitada pela poligonal que tem início na interseção da Pass. Sideral e a Estrada do Benjamim (Una) e segue por esta contornando a área denominada Cabanagem II até encontrar a Pass. S. Vicente que faz fundo para a ocupação Carmelândia, dobra à esquerda e segue por esta passando pelo fundo do Conj. Panorama XXI, até a linha lateral esquerda do Conj. Augusto Montenegro, dobra à direita até a linha de travessão do mesmo, dobra à esquerda e segue por este até a Rua Damasco, flete à direita e segue por esta até a Rua Girassol (que faz fundo ao Conj. Parklândia), dobra à esquerda e segue por esta e por seu prolongamento denominado Rua Cristina Cardoso, por onde segue até a Rua Belém, dobra à direita e segue por esta até a Av. Monte Carlo que faz fundo com o terreno da ENGEPLAN (9.848.680 mN/785.580 mE), dobra à esquerda e segue por esta até a lateral direita do terreno da ENGEPLAN (9.849.000 mN/785.310 mE), dobra à esquerda e segue por esta até o linhão da ELETRONORTE (9.848 950 mN/784.230 mE), dobra à direita e segue por este até a Pass. das Andorinhas, dobra à direita e segue por esta até a curva do Conj. Jardim Sideral, segue por esta até o início da poligonal. (Brasil, Lei 7.806, de 30 de julho de 1996).

Figura 1 . Mapa do bairro da Cabanagem.



Fonte: Google Earth, 2015.

Ainda hoje considerado um dos bairros mais violentos da capital paraense, a Cabanagem conta com um alto índice de moradores vindos dos interiores da região, pessoas que vêm em busca de um objetivo: melhorar de vida. Mas chegando aqui essas pessoas se deparam com uma outra realidade: o desemprego, o alto índice de criminalidade, a falta de saneamento básico e de moradia, o que as faz descer as baixadas do bairro e construir suas casas ao redor dos canais, os rios que foram poluídos com a chegada das grandes empresas e a construção da rodovia Transcoqueiro, segundo relata seu Antonio, morador da região a 60 anos.

Observa-se na figura 2, uma criança observando o local, que um dia foi sua casa. A casa ficava às margens do canal, próximo a um local que era usado para preparar entorpecentes naquela época. A casa foi incendiada após um de seus

familiares ter sido assassinado por dívidas de drogas e a polícia ter intimado a família a depor.

Figura 2. Criança olhando casa incendiada na invasão do sabão - Cabanagem.



Fonte: Agência Pará, 2019.

Nas figuras 3 e 4 é possível notar como o abandono e a violência são comuns no bairro da Cabanagem. Assassinatos e cobranças pelo tráfico de drogas ainda hoje é algo que acontece com bastante frequência e é notável que a polícia não tem significância nenhuma em relação a segurança do bairro. A falta de saneamento básico também traz complicações gravíssimas para a vida dos moradores, já que, mesmo que o Estado tenha asfaltado nestes últimos 3 anos as principais ruas do bairro, não realizou a limpeza dos canais, não adicionou tubulações corretamente e a casa de moradores que antes não enchiam, começaram a encher durante as chuvas.

Figura 3. Pessoas reunidas em torno de um carro de polícia.



Fonte: Diário Online, 2019.

Figura 4. Gravação jornalística em rua no bairro da Cabanagem.



Fonte: Telejornal Liberal, 1ª edição, 2022.

3.2. O movimento cabano

Cabanagem, revolução social ocorrida entre os anos de 1835 a 1840, onde teve a maior participação popular do Norte do Brasil. Eram indígenas, negros, mestiços e as classes desfavorecidas, que mais sofreram com o processo de opressão da colonização portuguesa no Norte do Brasil após a adesão do Estado do Pará à Independência do Brasil, e foi esse povo que se uniu em uma única causa: enfretar as políticas do Governo Central. José Alves De Souza Junior (2022, p. 36) diz que:

A forma como foi feita a adesão do Pará à independência frustrou a expectativa de inúmeros setores da sociedade paraense, principalmente das camadas populares constituídas por indígenas, negros, mestiços e homens brancos pobres, na medida em que preservou política, econômica e socialmente os elementos que caracterizaram o período colonial. (Junior, 2022, p. 3).

A frustração do povo ao ver que a elite branca dominava todas as esferas políticas e que aos desfavorecidos era negado o mínimo foi se intensificando, e o que pairava no ar era a sensação de revolta, fazendo com que naqueles anos diversas rebeliões explodissem pelo estado, o que já previa o que chegaria nos próximos anos: a Cabanagem. (Souza, 2022, p. 41).

Nascia uma linha positiva e de continuidade nacionalista entre o processo de emancipação política no Pará e o movimento cabano. Em pleno momento de comemoração do centenário da Independência brasileira, os intelectuais na Amazônia e no Brasil reinventaram esta história pátria. Para eles, os cabanos apoiavam-se em um justo ódio racial aos brancos, ódio que aumentava com uma má administração portuguesa de cunho colonialista. Estes cabanos, vindos do povo mais simples da Amazônia, efetivaram, contudo, uma luta insana, pois sua causa, em seu limite, levava a uma guerra separatista, o que contrariava o espírito pátrio, que prevalecia nas comemorações do centenário da Independência brasileira. (Ricci, 2006, p. 08).

Havia diversos interesses envolvidos entre os Cabanos e os líderes políticos Cabanos e estes se chocavam, mas o interesse que seguia em comum era o da mudança da estrutura econômica e social do estado. No início de janeiro do ano de 1835, era notável a presença de pessoas que pelos seus modos e vestimentas mostravam ser de origem interiorana. Segundo Souza (2022, pág.73) esses revoltosos foram estabelecidos na cidade de Belém. Como exemplo, um grupo de guardas nacionais do Acará e Guamá comandado pelos irmãos Vinagre, que foram instalados na casa da família Aranha.

Foi na madrugada de 07 de janeiro de 1835 que um grupo comandado por Antônio Vinagre invadiu o quartel da tropa de linha, no Largo dos Quartéis, local conhecido hoje como Praça da Bandeira. A maioria dos soldados que se encontravam na localidade aderiram à revolução.

No ofício em que informa do levante o ministro britânico no Rio de Janeiro, Henry Stephen Fox, o vice-cônsul inglês no Pará, John Hesketh, afirma que a insurreição iniciou às três horas da madrugada, quando os soldados alojados no quartel tomado por Antônio Vinagre passaram a atirar “em seus próprios oficiais”, e que a eles se juntaram “os descontentes do rio Acará”, que haviam sido libertados da prisão. Informa também que os grupos cabanos espalhados pela cidade assassinaram o “Presidente Bernardo Lobo de Souza, e o Governador Militar Joaquim José da Silva Santiago, como também o Capitão [James] Inglis da Corveta Defensora”, abriram todas as prisões públicas e que “a cena do massacre que sucedeu foi verdadeiramente horrível (Junior, 2022, p. 74).

Segundo o Ofício de 31 de julho de 1835 (Souza, 2022, p. 99), de Custódio José do Carmo Barriga, juiz de Paz da Vigia, ao Marechal Manoel Jorge Rodrigues, os cabanos se dissiparam da capital paraense, mas seguiram assolando os interiores. Cerca de quatrocentos a quinhentos cabanos saídos do Acará atacaram a vila de Vigia, mataram as suas autoridades e forçaram parte da população a vir para Belém.

Como mencionado no terceiro parágrafo deste subtema, o povo cabano tinha lutas distintas aos dos líderes políticos. Félix Clemente Antonio Malcher foi o primeiro presidente cabano empossado pelo povo que tempos depois percebeu que a bandeira que o presidente havia levantado, os levava para a mesma condição social que viviam antes. Um mês e meio depois de ter sido empossado, Malcher foi assassinado por seus partidários. Magda Ricci fala que:

Depois de cinco anos de luta, os cabanos criaram ódio aos brancos e às autoridades impostas, aprendendo a amar a aclamação popular e a revolução infinita. Cultuavam a beleza revolucionária, mas viveram outras mazelas: a fome, as doenças, as mortes e a instabilidade da guerra. Em um processo de fuga da escravidão, tal qual Moisés no Egito bíblico, os cabanos foram perseguidos e mortos, mas seus ideais não desapareceram completamente. Em busca de sua “terra prometida”, muitos revolucionários se embrenharam nos rios e nas matas da Amazônia, ampliando quilombos ou criando comunidades mistas de negros, índios e mestiços, exemplos ímpares no Brasil. (Ricci, 2006, p. 28).

3.3. A participação das mulheres na Cabanagem

Até hoje pouco se fala da importância da participação das mulheres nesse movimento e quais foram os seus papéis durante as batalhas. Durante as pesquisas de campo, foi notado que existem pouquíssimos registros que apontam o cotidiano dessas mulheres durante a guerra civil que foi a Cabanagem. É o que a historiadora Eliana Ramos Ferreira (2003) retrata: “Em quaisquer desses espaços, as mulheres pouco aparecem. É como se a Cabanagem tivesse sido construção social e política somente da ação de homens[...]” (Ferreira, 2003, p.1).

Mas como seria possível um movimento da grandeza do que foi a Cabanagem ser feito apenas por homens? Onde estava o restante da família durante as batalhas? Em sua pesquisa, Ferreira (2003, p.1) diz que as mulheres estavam presentes através do suporte que davam aos seus pares, pai, irmão, filhos e amigos, revelando assim, a trama tecida em família.

Esta desempenhou importante papel em meio ao processo de luta da Cabanagem. Em tempos de guerra, o homem atua na linha de frente, na batalha; a mulher na retaguarda, desenvolvendo ações imprescindíveis para o sucesso dos empedernidos combates. Nesse sentido, enquanto o homem estava no combate direto com as tropas legais, a mulher que tinha seus pares envolvidos visceralmente no conflito, afastados de casa lutando nas matas e rios, assumia os papéis de mantenedora e provedora da família, além de papéis como o de espiã. (Ferreira, 2003, p.1).

No ofício de Agosto do ano de 1836 escrito por José Francino Alves (1836), comandante militar da Freguesia de Igarapé-Miri ao general Francisco José Soares de Andréa, presidente da província, comunicava que havia encontrado mulheres na mata.

Illmo e Exmo Senr

A diligencia, que havia expedido as cabeceiras do rio Meroê com a vantagem de conduzir como reunidos cinco individuos da facção inimiga, deixando bem explorados, e miudamente observados todos aquelles bosques, e campos, onde apenas encontrarão algumas mulheres ocupadas em fabricar pequenas porções de farinha, que segundo congeturo, talvez seja para fornecer alguns malvados, que por ali ainda vagueem escondidos. (Arquivo Público do Estado, Série: Ofícios dos Comandantes Militares. 1836-1837).

Após o fim da Cabanagem, o que restou foi um grande trauma local depois de tantas mortes. Segundo Ricci (2006, pág.6) a Cabanagem deixou mais de 30 mil mortos após o seu fim. Essa revolução que matou negros, mestiços, indígenas, pobres

e escravizados, mas que também dizimou grande parte da elite paraense deixou mulheres órfãs e viúvas de ambos os lados. A população local só voltou a crescer significativamente no ano de 1860.

Seguindo a linha de pesquisa sobre as mulheres cabanas, nosso intuito é relatar o que aconteceu com essas mulheres após a Cabanagem. Ali muitas mulheres encontravam-se órfãs e viúvas, o que desencadeou uma nova batalha, e dessa vez, sem dúvida alguma, essas mulheres estavam na linha de frente. Foi o que Ferreira chamou de: “[...] jogo intrincado de construção da lei, síntese e expressão de concepções e valores diferentes” (Ferreira, 2010, p. 22).

Partindo desse pressuposto, desenvolveu-se o documentário denominado “Cabanagem - a luta de mulheres por liberdade”, onde é relatado a importância das mulheres no movimento cabano e após o mesmo, tendo em vista que hoje em dia, encontramos principalmente nas periferias da capital paraense, o reflexo de tudo o que as mulheres do tempo cabanal enfrentaram: a luta frente às batalhas da vida para criar seus filhos de maneira segura, em meio a violência, a criminalidade e a desigualdade social.

4. METODOLOGIA

O desenvolvimento do projeto “Cabanagem, a luta de mulheres por liberdade” se deu através da pesquisa de Campo, definida por observações e entrevistas . Para isso, estive com a professora Conceição Santana vivenciando a realidade do bairro da Cabanagem, com foco nas salas de aula onde a professora atuava, observando o cotidiano da professora e de seus alunos e como durante as rodas de conversas que aconteciam nas aulas as histórias compartilhadas chegavam ao tema defendido no pré projeto.

Posteriormente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o Movimento Cabano e sobre a participação das mulheres durante o movimento. Além de realizar a pesquisa em relação ao crescimento do bairro da Cabanagem.

Já para a gravação do documentário foram realizadas 4 gravações em 4 locações distintas sendo elas: 2 no bairro da Cabanagem, uma no Arquivo Público do Estado do Pará e uma na comunidade Santana do Maú, interior de Marapanim.

A primeira etapa do processo de gravação ocorreu no mês de outubro de 2023 e foi dividida em dois momentos. O primeiro momento ocorreu durante a entrevista com Leonardo Torii, diretor do arquivo público do Estado do Pará, e o segundo momento ocorreu na casa de Conceição, moradora e professora do bairro da Cabanagem, em Belém/PA. Já a segunda etapa do documentário aconteceu no segundo semestre de 2024, onde pudemos ir até a localidade de Santana do Maú, pertencente ao município de Marapanim, local onde Conceição nasceu. Lá foi possível conhecer a “Mãe do rio”, parte do rio de Santana do Maú, onde os moradores tiram seu sustento através da pesca. Para finalizar, a gravação com dona Isabel aconteceu em fevereiro de 2025, no bairro da Cabanagem, momento onde foram realizados os inserts do bairro.

Como equipamentos de gravação foram utilizados um tripé, um celular modelo *Samsung A15* e um celular *Samsung S23 FE* para as filmagens e um celular *Motorola* modelo *Moto E13* para a captação de áudio. As gravações foram realizadas durante o dia para que fosse utilizada a luz natural.

Para desenvolver o roteiro do documentário, utilizamos títulos de chamadas, onde dentro de cada título, existiam perguntas que os personagens respondiam. Por ser um documentário de Representação Social, ou seja, de Não Ficção, não obtivemos controle em relação às respostas dos personagens, visto que ali eles estavam relatando fatos de suas vidas.

Como base foi utilizado:

- A Migração

Conte detalhes sobre sua infância e adolescência (Tema voltado para as moradoras do bairro da Cabanagem);

- O sonho de uma vida melhor:

O que lhe motivou a vir para a cidade de Belém? (Tema voltado para as moradoras do bairro da Cabanagem);

Por que o movimento iniciou? (Tema voltado para o entrevistado sobre o movimento da Cabanagem);

- A luta continua

O que aconteceu durante sua chegada na cidade? (Tema voltado para as moradoras do bairro da Cabanagem);

- Vivências Cabanas:

Como foi a sua chegada no bairro da Cabanagem? (Tema voltado para as moradoras do bairro da Cabanagem);

- Não existe guerra sem dor:

Conte como foram as guerras do tráfico de drogas no bairro (Tema voltado para a moradora do bairro da Cabanagem);

Foi de fato uma luta violenta? (Tema voltado para o entrevistado sobre o movimento da Cabanagem);

- A baixada vive de realidade

Como é a vida das pessoas do bairro? (Tema voltado para as moradoras do bairro da Cabanagem);

- A educação salva?

Você acredita que a educação pode ajudar na transformação da atual realidade do bairro da Cabanagem? (Tema voltado para as moradoras do bairro da Cabanagem);

Com base nessas perguntas, os entrevistados relataram seus pontos de vista sobre as realidades em questão.

Por fim a edição do documentário foi feita no software Adobe Premiere, finalizando a última parte do processo de desenvolvimento do documentário. Por conta do aparelho não ter alta potência, precisei ter cautela para não correr risco de corromper os arquivos e acabar perdendo-os.

Para iniciar a edição foram feitos os recortes dos vídeos, seguindo a cronologia do roteiro, após isso foi trabalhado os áudios, adição de músicas e por fim o tratamento de cor. A fonte utilizada no produto audiovisual foi a *Berlin Sans* pertencente ao software em questão. Para além do tratamento de cor, foi utilizado o filtro *Fuji REALA 500D Kodak 2393*, da aba criação, também disponível no Adobe Premiere.

5. DESENVOLVIMENTO DO DOCUMENTÁRIO

Durante este período, mergulhada nas profundezas das riquíssimas histórias encontradas naquele bairro, foi possível observar que muitas das mulheres com faixa etária entre 50 e 70 anos que moram no bairro, haviam migrado de outros lugares e partilhavam históricos de violência sofridas na sua juventude.

Dentre as tantas histórias que ouvi, duas chamaram atenção pela aproximação das narrativas. Dona Maria Isabel, mulher negra, de 60 anos, conheceu a professora Conceição quando seus dois filhos foram alfabetizados por ela e Conceição Santana, de 58 anos, mulher parda, esteve presente na vida de Isabel através da educação.

A partir dessas escutas, aqui reúno as histórias impactantes das personagens apresentadas por Conceição durante a minha pesquisa de campo. Histórias fortes, mas que nos motivam a não desistir e ter força para lutar por nós e por toda uma comunidade.

6. PROCESSO DE CRIAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

A obra *Cabanagem – A luta de mulheres por liberdade* foi pensada através de vivências compartilhadas por Conceição, professora pedagoga, atuante nas áreas Infantil, Fundamental I e na Educação de jovens e adultos a mais de 12 anos. Conceição conta sobre sua trajetória de vida, desde sua busca por seguir estudando até o fim de sua graduação e relata como ainda hoje o estado falha quando negligencia o mínimo para as crianças das periferias da capital paraense. Sem contar nas dificuldades que as pessoas que vêm dos interiores enfrentam quando chegam nas periferias da metrópole. Já durante sua atuação como professora nas escolas municipais do bairro, Conceição nos apresenta a história de Isabel, mãe solo, que

enfrentou uma grande batalha para criar seus filhos. Faltava comida, faltava saneamento, e tudo o que era dever do estado proporcionar para os moradores daquela região.

Em paralelo, o documentário cita dados de documentos do Arquivo Público do Pará através da fala do diretor Leonardo Torii e de pesquisas de historiadoras que vêm investigando sobre a presença e o protagonismo de mulheres no movimento histórico da Cabanagem, como a historiadora Eliana Ramos Ferreira (UFPA). As narrativas de luta das mulheres cabanas vão inspirar as reflexões com as mulheres da Cabanagem de hoje, e a produção deste documentário servirá de elo para conectar essas mulheres no tempo.

6.1. O corpo marginalizado

Falar sobre marginalização na periferia é algo complexo, mas ao mesmo tempo rotineiro para os moradores das baixadas da grande Belém. Casas invadidas pela polícia e por traficantes de forma brusca, agressão física e agressão verbal são algumas das violências sofridas pelos moradores das periferias, em sua maior quantia, as pessoas que moram nas baixadas próximas aos canais, áreas que mais sofrem com a falta de saneamento básico, falta de água potável, falta de atendimento à saúde e falta de políticas públicas. “[...] Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais.” (JESUS, 1958, p. 55).

Segundo o historiador Dhione Andrade Figueredo (2014):

Tendo como enfoque as culturas advindas do território africano e pensando a ideia de cultura social e espacialmente, como propõe Lourdes Carril (2006), após a abolição da escravidão, notam-se os negros em condições sociais e territoriais inferiores e excludentes. Debater essa condição territorial caracterizadora do negro permite também debater as áreas periféricas das cidades como espaços de resistência cultural, onde a música, as crenças e a alimentação negra aparecem como comportamentos e ações comuns. (Figueredo, 2014, p. 6)

E quanto as mulheres na criação de seus filhos? Durante a entrevista, Conceição relata o medo que sentia ao sair para trabalhar, deixando seus filhos, na época adolescentes, sós.

Nesses locais desvalorizados, marcados pela ausência do estado e das instituições públicas, abandonados pela lei e onde o contrato social é rompido, abrigo da população excluída socialmente e espacialmente periferizada, o crime organizado se instala. As periferias pobres oferecem, então, a localização privilegiada para o estabelecimento do território do crime: a ilegalidade, a ausência de segurança pública, a ausência das instituições de controle público e a informalidade. As organizações criminosas se apropriam desses locais, os tornam seus territórios e daí articulam as ações no espaço urbano. São os territórios da violência, descontínuos, mas articulados pela ação criminosa. (Ferreira; Vasconcelos; Penna, 2008, p.4)

Sem ajuda externa, várias mulheres são obrigadas a deixar seus filhos em casa para poder trabalhar. Com o déficit de professores nas escolas, falta de políticas públicas voltadas para a educação, para a arte e para a cultura, muitas crianças e adolescentes são submetidas a diversas oportunidades nas ruas, sendo aliciadas a trabalhar para o tráfico de drogas, adentrando no mundo da criminalidade.

6.2. Entrevista com os sujeitos

6.2.1. Conceição Santana

Pude ouvir a história de Conceição diversas vezes antes de trazer até este memorial. Por ter contato direto com a mesma, precisei deixá-la livre para contar cada pedaço de seu passado, respeitando suas dores e as lembranças que, por muitas vezes, foram amargas.

Conceição precisou sair da casa de seus pais com 10 anos para estudar. Em troca de moradia, trabalhava na casa de famílias que residiam nas cidades próximas ao interior no qual morava, a vila de Santana do Maú. Como pagamento de seu trabalho, a mesma recebia apenas um prato de almoço e a moradia durante a semana, vivendo assim em uma realidade descrita por Carolina Maria de Jesus (1958): “[...] Tem pessoas que aos sábados vão dançar. Eu não danço. Acho bobagem ficar rodando pra aqui, pra ali. Eu já rodo tanto para arranjar dinheiro para comer.” (Jesus, 1958, pág. 56).

Segundo o Art. 5º da Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (Brasil, 1990), mas o

que se via nessa época eram crianças tendo que sair do colo de seus pais pela negligência de políticas públicas.

Conceição cresceu lutando por sua sobrevivência e, em meio às lutas do dia a dia conseguiu terminar o magistério. Foi no ano de 2010 que ela conseguiu se matricular no ensino superior, cursando pedagogia em uma faculdade particular da capital paraense, após ser incentivada por seus coordenadores enquanto participava como educadora do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos - MOVA. Após 4 anos de graduação, no ano de 2014 (vide figura 6) Conceição conseguiu seu tão sonhado diploma de Licenciatura em pedagogia.

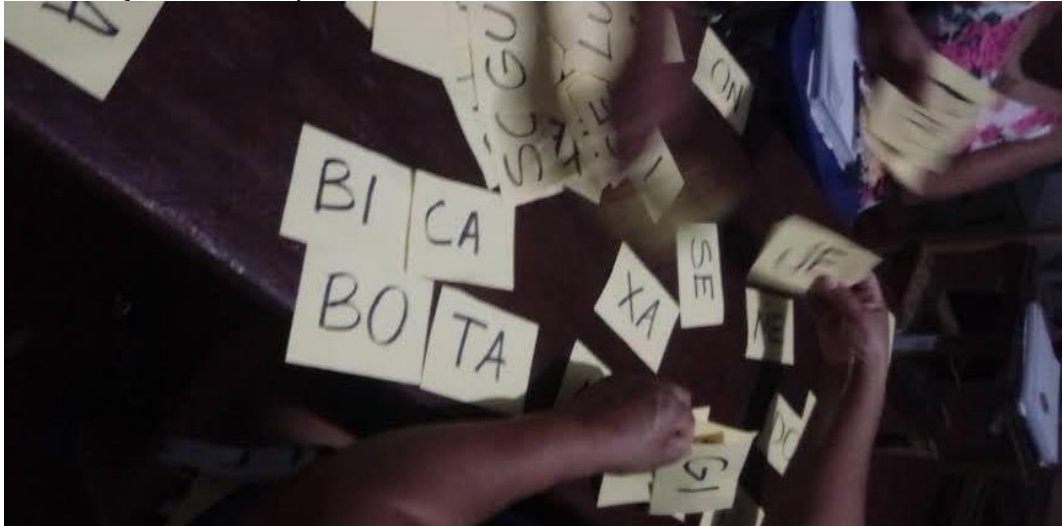
Figura 6 - Formatura em Pedagogia Conceição Santana



Fonte: Acervo Pessoal, 2014.

Como mostram as figuras 7, 8 e 9, trabalhando em escolas da periferia, essa mulher de muita garra compartilha vivências de lutas, conquistas e superações com as crianças, jovens e adultos desses bairros que persistem no esquecimento dos representantes políticos.

Figura 7 - Crianças montando palavras em sala de aula



Fonte: acervo pessoal, 2018

Figura 8 - Professora Conceição e seus alunos em um evento na escola



Fonte: acervo pessoal, 2018

Durante os anos em que Conceição esteve em sala de aula, conheceu a história de vida de muitas mulheres, mães de alunos e alunas da Alfabetização de jovens e adultos. Em 2022, Conceição participou de um projeto da Prefeitura Municipal de Belém, onde reuniu 9 mulheres por 5 meses em uma sala de aula, naquele que já foi o maior colégio público do bairro da Cabanagem - O Cristo Redentor. E foi em uma dessas aulas que essas mulheres de múltiplas idades compartilharam de uma memória em comum: a violência contra a mulher e as lutas que elas travaram para alcançar sua liberdade. Segundo Freire (2002, p.193):

Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos direitos à voz, à participação, à reinvenção do mundo, num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser. (Freire, 2002, p.193).

Figura 9 - Conceição em sala de aula com seus alunos da Educação de jovens e adultos (EJA)



Fonte: acervo pessoal,, 2022

Atualmente, trabalhando como professora de reforço em sua casa, ela segue com uma luta maior do que ensinar seus alunos a ler, escrever e auxiliá-los nas disciplinas da educação básica, ela cuida para que essas crianças que moram nas áreas mais paupéries do bairro, que vivem em contato direto com a criminalidade e que vislumbram da escassez de saúde e saneamento, possam, no fim das contas, não perder a esperança de lutar por uma vida mais digna e justa para si.

Escutar a história da Conceição sem dúvida foi algo muito enriquecedor para meu desenvolvimento na graduação, perceber o quanto histórias de vida devem ser guardadas com carinho me fez ver a importância de documentá-las. Falar sobre sua infância foi emocionante em diversos aspectos, e as partes mais delicadas da gravação ocorreram ali, onde precisei parar as capturas para que ela pudesse se recompor, pois a mesma gostaria de continuar sua fala.

Figura 10 - Entrevista com a professora Conceição



Fonte: Acervo pessoal, 2023

Durante a entrevista percebeu-se certa dificuldade ao falar sobre os detalhes da vivência periférica, pois acaba-se notando o receio dos moradores enquanto a narrativa das violências sofridas.

6.2.2. Maria Isabel

Nascida na Cidade de Viseu no estado do Pará, Maria Isabel migrou para a Cidade de Belém com 14 anos de idade, em busca de condições de vida melhores do que levava em sua cidade natal. Tendo uma infância muito sofrida, após seu pai abandonar sua mãe, Isabel e seus irmãos, a vida se tornou mais dura. Uma mulher com nove crianças para alimentar se tornou uma grande batalha naquele momento. Com muita luta e determinação, essa mãe moveu terras para criar seus filhos. Mas por conta da vida difícil que eles levavam, quando Isabel fez 14 anos, sua mãe a

enviou para a Cidade de Belém para que ela cuidasse de uma criança na casa de uma família, podendo assim, ter um local para se alimentar e sair daquela realidade.

A chegada de Isabel na cidade de Belém não foi nada fácil. Isabel sofria agressão física de seus patrões e viveu por muito tempo nesta realidade, até que um dia o cunhado de sua agressora, a retirou escondida e a levou para trabalhar na casa de outra pessoa, na tentativa de retirar Isabel daquele ciclo de violência. Isabel ficou com a família até seus vinte e poucos anos, no período em que a família morou em Belém.

Isabel seguiu em sua luta trabalhando. Conheceu seu primeiro marido com quem viveu por um longo período, mas que este por uma fatalidade acabou a deixando novamente só. Após sua perda, Isabel seguiu lutando por sobrevivência e mais uma vez caiu em um ciclo de violências. Foi no bairro do Benguí que ela conseguiu um trabalho no período da noite, onde infelizmente também teve muito sofrimento.

O tempo passou e Isabel continuou trabalhando, buscando formas de sobrevivência na capital. Ainda no bairro do Benguí, ela conheceu o seu segundo marido, que veio a ser o pai de seus dois filhos. Fatalmente Isabel não teve a sorte de viver como em seu primeiro casamento. Já morando no bairro da Cabanagem, o pai de seus filhos bebia muito, a maltratava, arrumava outras mulheres e a deixava junto com seus filhos passando fome e vivendo novamente a falta do básico.

Foi no bairro da Cabanagem que Isabel pôde mais uma vez reescrever sua história. Com diversas dificuldades para criar seus filhos que ainda eram crianças, Isabel chegou a pensar na possibilidade de entregá-los para que outra pessoa pudesse cuidar deles e alimentá-los. Porém travando sua luta diária, Isabel trazia comida para o prato de seus filhos, enquanto vivia a realidade do bairro.

No livro “Quarto do despejo - Diário de Uma Favelada” (Jesus, 1958), no dia 20 de maio de 1958, Carolina Maria de Jesus retratou em seu diário “[...] como é horrível ver um filho comer e perguntar: tem mais? essa palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais”. O trecho citado acima nos leva a refletir a realidade de muitas mães da periferia que ainda hoje sozinhas criam seus filhos, sobrevivendo com o mínimo e algumas vezes até com a falta dele. A solidão desse embate, a tristeza de “não ter” muitas vezes é notado

através do olhar dessas mulheres, que já nem se reconhecem como mulher dentro dessa realidade.

Foi neste período que Isabel conheceu Conceição, professora que alfabetizou seus dois filhos. Era em um centro educacional que existia na época, anexo de uma escola municipal, que Conceição trabalhava. O salário era muito inferior ao piso salarial dos professores e além de muito trabalho, os funcionários eram submetidos a diversos tipos de humilhação naquele local. Mas ali muitas histórias foram escritas. Naquele prédio muitas pessoas foram alfabetizadas pela professora Conceição e ainda hoje é possível encontrar alunos e alunas que criaram muito amor e carinho pela professora.

A história de Isabel nos traz como reflexão as dificuldades que as mães solas da periferia encontram para conseguir criar os seus filhos. São diversas mulheres que ainda hoje, partilham de uma história próxima a de Isabel. Sem rede de apoio precisam escolher se fazem parte da criação de suas crianças e adolescentes ou se saem para trabalhar deixando seus filhos sós à mercê da rua.

Figura 11 - Entrevista com Maria Isabel



Fonte:Acervo pessoal, 2025

6.2.3. Leonardo Torii

Já durante a entrevista com Leonardo Torii, diretor do Arquivo Público do Estado do Pará, foi grandiosa a importância de termos documentos que contam em partes a história do movimento cabano, nos mostrando a dimensão e a importância de conhecermos o passado, para que assim, possamos entender o presente e lutar por um futuro melhor.

Figura 12 - Entrevista com Leonardo Torii



Fonte:Acervo pessoal, 2023

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando este memorial da linha de pesquisa, entrego o documentário, com o relato da professora Conceição Santana apresentando sua história, e as histórias que lhe foram apresentadas através da sua vivência no bairro da Cabanagem. Como história potente, decidi trazer o relato de Maria Isabel dos Santos, contando sobre a realidade de mulheres que sozinhas criam seus filhos no bairro. E por fim, Leonardo Torii, diretor do arquivo público, relata detalhes sobre o movimento cabano e a importância da participação das mulheres durante os anos de movimento.

A Cabanagem teve a maior participação popular do Norte do Brasil. Foram indígenas, negros, mestiços e as classes desfavorecidas, esse povo que se uniu em

uma única causa: enfrentar as políticas do Governo Central. A Cabanagem foi o único movimento que manteve o povo no poder por mais de um ano.

Desenvolver este projeto foi de suma importância para a finalização deste ciclo da graduação, o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. Mostrar as narrativas de mulheres da minha comunidade através das aprendizagens que eu obtive durante o curso, podendo estar a frente da Pesquisa, Direção, Produção e edição do documentário fez comprovar o quanto dentro do curso de Produção Multimídia eu pude atuar com afinco dentro destas diversas áreas de pesquisa e de audiovisual.

Também por estar completamente inserida na realidade do bairro, não pude deixar de mencionar o quanto foi difícil desenvolver este projeto. Mergulhar a fundo em uma realidade em que acabamos nos acostumando a viver e que inconscientemente se torna rotineiro para os moradores da periferia me proporcionou sentir um misto de sentimentos.

No momento em que passamos a de fato nos concentrar na realidade, nos tornamos sensíveis às questões de violência que nos cercam e que acabaram acontecendo durante os dois últimos anos, o que me fez por diversas vezes parar a pesquisa até que eu pudesse digerir os fatos ocorridos. Por outro lado, sinto gratidão e felicidade em entregar este documentário, que ainda que tenha acontecido com poucos equipamentos, teve o envolvimento de tantas pessoas dentro e fora da comunidade.

Por fim, entrego como produto final desta pesquisa o documentário de curta metragem "Cabanagem, a luta de mulheres por liberdade". O documentário conta com 13 minutos de exibição, e registra através do meu olhar quanto graduanda de Produção Multimídia e moradora do bairro da Cabanagem, os retratos vivenciados durante os dois anos de realização desta pesquisa.

APÊNDICE A - ROTEIRO: TÍTULOS DE CHAMADAS

ROTEIRO DE PERGUNTAS - CABANAGEM, A LUTA DE MULHERES POR LIBERDADE		
TÍTULO: A Migração		Locação
Conceição	Conte detalhes sobre sua infância e adolescência (Tema voltado para as moradoras do bairro da Cabanagem);	Comunidade Santana do Maú - beira do rio
Isabel	Conte detalhes sobre sua infância e adolescência (Tema voltado para as moradoras do bairro da Cabanagem);	Casa da Isabel - sala
TÍTULO: O sonho de uma vida melhor		Locação
Conceição	O que lhe motivou a vir para a cidade de Belém?	Casa da Conceição - sala
Isabel	O que lhe motivou a vir para a cidade de Belém?	Casa da Isabel - sala
Leonardo Torii	Por que o movimento iniciou?	Arquivo Público do Estado do Pará - sala

TÍTULO: A luta continua		Locação
Conceição	O que aconteceu durante sua chegada na cidade?	Casa da Conceição - sala
Isabel	O que aconteceu durante sua chegada na cidade?	Casa da Isabel - sala
TÍTULO: Vivências cabanas		Locação
Conceição	Como foi a sua chegada no bairro da Cabanagem?	Casa da Conceição - sala
Isabel	Como foi a sua chegada no bairro da Cabanagem?	Casa da Isabel - sala
TÍTULO: Não existe guerra sem dor		Locação
Conceição	Conte como foram as guerras do tráfico de drogas no bairro	Casa da Conceição - sala
Leonardo Torii	Foi de fato uma luta violenta?	Arquivo Público do Estado do Pará - sala
TÍTULO: A baixada vive de realidade		Locação
Conceição	Como é a vida das pessoas do bairro?	Casa da Conceição - sala
TÍTULO: A educação salva?		Locação
Conceição	Você acredita que a educação pode ajudar na transformação da atual realidade do bairro da Cabanagem?	Casa da Conceição - sala

Isabel	Você acredita que a educação pode ajudar na transformação da atual realidade do bairro da Cabanagem?	Casa da Isabel - sala
--------	--	-----------------------

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 8.069, De 13 de Julho De 1990. Dispõe sobre o Estatuto Da Criança E Do Adolescente E dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Seção I, ANO CXXVIII — Nº 135 .

BRASIL. Lei 7.806, de 30 de julho de 1996. Delimita as áreas que compõem os bairros de belém, revoga a lei nº [7.245/84](#), e dá outras providências.

COUTO, Aiala Colares de Oliveira. “Democracia e a Cabanagem” revista periferias 2ª edição (2018)

EARTH, Google. Mapa do bairro da Cabanagem, 2015.

ESTADO, Arquivo Público do. Série: Ofícios dos Comandantes Militares. 1836-1837.

FERREIRA, Eliana Ramos. As Mulheres na Cabanagem: presença feminina no Pará insurreto. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, v. 22, p. 1, 2003.

FERREIRA, Eliana Ramos et al. Guerra sem fim: mulheres na trilha do direito à terra e ao destino dos filhos (Pará-1835-1860). 2010.

FERREIRA, Ignez Costa Barbosa; VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; PENNA, N. de A. Violência urbana: a vulnerabilidade dos jovens da periferia das cidades. **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, v. 16, p. 1-18, 2008.

FIGUEREDO, Dhione Andrade. Espaços Negros Urbanos: Segregação e Preconceito nas cidades brasileiras. 2014.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina, p. 193. Editora UNESP 2ª edição revista, 2002.

FREIRE, Paulo. Política e Educação. São Paulo: Cortez, 1993.

JESUS, Carolina Maria de. “ Quarto do despejo, diário de uma favelada” edição comemorativa (1960-2020). São Paulo: Ática, 2014.

GRIERSON, John; HARDY, Forsyth. Grierson on Documentary, p. 13. University of California Press, 1971

LIBERAL, Jornal. Moradores da Cabanagem denunciam abandono do poder público e falta de saneamento. Jornal Liberal, 2022.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. Summus Editorial, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus editora, 2005.

ONLINE, Diário. Jovem é executado a tiros na Cabanagem, Diário do Pará, 2019.

PARÁ, agência. Governo presta assistência a vítimas de incêndio na Cabanagem. Governo do Pará, 2019.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Revista Tempo: Niterói, vol.11 no.22, 2006. Disponível em:

RODGER, Andrew C. HARDY, John Grierson: Uma Biografia Documental; HARDY, Grierson sobre Documentário. **Archivaria** , p. 268-270, 1980.

SILVA, Janaína Bezerra da. O corpo periférico: reflexões sobre espaço, pertencimento e visibilidade social. 2020.

SIQUEIRA, Antônio Juraci. **Uirá-pirá: a saga do peixe-pássaro -poesia-**. Belém, PA: [s.n.], 2004. 60 p. ISBN (broch.).

SOUZA JÚNIOR, José Alves de. Cabanagem: revolução amazônica: 1835-1840. 2022.